

Diálogos

Algumas presenças intelectuais encontradas na gestação de *El laberinto de la soledad*, de Octavio Paz

Priscila Miraz de Freitas Grecco¹

Resumo: O artigo pretende abordar algumas das presenças intelectuais predominantes na escrita de *El laberinto de la soledad*, do mexicano Octavio Paz. Para tanto utilizaremos as cartas trocadas entre Paz e Alfonso Reyes no período em que Paz trabalhou como terceiro secretário da embaixada mexicana em Paris. Além de Reyes, que, como podemos ver as cartas, atuou como mediador da publicação de *El laberinto*, no México, encontramos também a presença de Samuel Ramos e do poeta espanhol Antonio Machado em ideias centrais para o livro, como o sentimento de inferioridade, a *otredad* e a solidão, além do importante diálogo com a cultura popular. Para melhor embasar as discussões que esses diálogos suscitam, contamos com estudos críticos de Carlos Monsiváis, Jorge Aguilar Mora e David A. Brading, entre outros. Tentamos, assim, mostrar a presença tanto de intelectuais que se relacionavam diretamente com Paz, como a de autores lidos e assimilados durante a trajetória do poeta, como é o caso de Machado.

Palavras-chave: Intelectuais, ensaio, *El laberinto de la soledad*.

Abstract: This article intend to approach some of the dominant intellectual presence in the writing *El laberinto de la soledad*, by Octavio Paz. Therefore, we will use the letters exchanged between Paz and Alfonso Reyes at the period when Paz was third secretary of the Mexican embassy in Paris. In addition to Reyes who served as a mediator of the *El laberinto* publication in Mexico we also found the strong presence of Samuel Ramos and Spanish poet Antonio Machado at the central ideas of the book, as the ideas of *otredad* and loneliness, as well as the dialog with popular culture. For better discuss what these dialogs provokes we will use the critics works by Carlos Monsiváis, Jorge Aguilar Mora and David A. Brading, among others. We tried so far show the presence of intellectuals who were related directly to Paz, and the authors read and assimilated during the poet trajectory.

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), campus de Assis-SP, com a dissertação *De uma máscara a outra: questões sobre a identidade em El laberinto de la soledad, de Octavio Paz*. Endereço para correspondência: Rua Platina, 1315, Assis-SP. CEP: 19807-190. E-mail: priscilamiraz@yahoo.com.br

Keywords: intellectuals, essay, *El laberinto de la soledad*.

Octavio Paz Lozano nasceu no México no ano de 1914. Conhecido mundialmente pela dupla vocação poesia/ensaio, ganhador do Prêmio Nobel de 1990, foi um dos principais intelectuais da América Latina, reivindicando para esta a criação de um pensamento, de uma crítica que fosse capaz de revelar a profundidade de sua cultura. Como embaixador do México, esteve em vários países, o que lhe viabilizou tanto agregar novos temas, novas possibilidades literárias ao seu trabalho, conferindo a este seu caráter abrangente, cosmopolita, como levar aos lugares que visitou a cultura latino-americana, contribuindo, dessa forma, para um profícuo diálogo cultural.

O livro de ensaios *El laberinto de la soledad* (PAZ, 1959) figura como um dos mais importantes, tanto dentro da produção pazeana como para as discussões sobre a identidade nacional na América Latina. Essa importância é marcada pelo estilo ensaístico de Paz e pela maneira como ele elaborou as discussões sobre identidade em seu tempo.

Toda a produção ensaística da América Latina proporcionou – às vezes de maneiras sutis, outras vezes mais diretamente – o engajamento dos intelectuais com suas realidades, com seus tempos. Assim, os ensaios representam as tentativas de entendimento, as buscas de respostas, as produções de maneiras de pensar. O ensaio foi ainda o gênero literário que, em determinado momento de nossa história intelectual (aqui nos focamos na primeira metade do século XX), permitiu a comunicação e a coexistência com outros tipos de produção e de tendências, como as relacionadas ao nacionalismo (como defesa e reivindicação da identidade) e às escolas psicológicas, que exerciam evidente influência sobre as questões da busca por um caráter nacional. Essa confluência de temas e tendências diversas, como a psicológica, a filosófica e a social, proporcionou discussões que configuram um estilo de pensamento e de realização de ideias bastante enriquecedor para o pensamento latino-americano, indicando um salto qualitativo em suas produções (DEVÉS VALDÉS, 2000, p. 9-10).

Nesse sentido, encontramos na produção ensaística da América Latina uma larga série de “radiografias” acerca das várias culturas nacionais, como *Radiografía de la pampa* (1937), do argentino Ezequiel Martínez Estrada, *Casa-grande e senzala* (1933), do brasileiro Gilberto

Freyre, *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (1928), do peruano José Carlos Mariátegui, entre outros. A obra de Paz, apesar de publicada no ano de 1949, quando já havia passado o auge dos ensaios identitários, pertence ainda a esse grupo. Ainda mais: para Devés Valdés (2000, p.253), o ensaio de Paz seria “o canto do cisne” do ensaio sobre o caráter nacional. Para Santí (1997), o livro de Paz representa:

una de las piezas claves de la literatura moderna: ensayo él mismo moderno y reflexión crítica sobre la modernidad. En la historia de la literatura hispanoamericana se trata de la prosa ensayística más importante de este siglo, la que ha influido más en el pensamiento y en la literatura de la lengua española y resonado más en los de otras lenguas (SANTÍ, 1997, p.123).

Assim, não é de se espantar a enormidade de estudos sobre *El laberinto de la soledad*. Diante disso, julgamos importante destacarmos pelo menos três pesquisadores que desenvolveram trabalhos relevantes para a apreensão do pensamento de Paz com base em pontos de vista diversos, vindo, assim, a enriquecer as possibilidades de releitura de seus escritos e de sua atuação como intelectual. Mantivemos como norteadores dessa pequena recolha estudos que tratam mais diretamente de *El laberinto*.

O trabalho mais detalhado, tanto no sentido de reconstrução da trajetória intelectual de Paz como de interpretação de sua obra, é o de Enrico Mario Santí, *El acto de las palabras. Estudios y diálogos con Octavio Paz* (1997), no qual o autor reúne uma série de ensaios que escreveu sobre a obra de Paz, além de prólogos para seus livros e entrevistas com o autor, trabalho desenvolvido ao longo de 18 anos.

Entre os ensaios que compõem esse livro, destacamos “Introducción a *Primeras Letras*” e “Introducción a *El laberinto de la soledad*”, que tratam respectivamente do primeiro momento de Paz como escritor e o começo de sua formação, dando ênfase às questões que serão mais tarde elaboradas em *El laberinto de la soledad*, considerado pelo próprio Paz como seu primeiro ensaio “maduro”. Em “Introducción a *El laberinto de la soledad*”, Santí trata da primeira saída do autor de seu país, de seu período de “gestação” fora do México, da publicação de *El laberinto de la soledad*, fazendo um balanço das críticas e influências que esse ensaio provocou, principalmente no México. Em “Introducción a *Primeras Letras*”, Santí analisa a primeira produção de Paz, referente às décadas de 1930 e 1940.

Contamos também com o rico trabalho do historiador David A. Brading, *Octavio Paz y la poética de la historia mexicana* (2002), uma versão ampliada do trabalho que apresentou no mês de março de 2000, por ocasião do colóquio internacional que comemorou os 50 anos

de publicação de *El laberinto de la soledad*, realizado na Fundación Octavio Paz, na cidade do México. Brading faz a análise de ensaio por ensaio de *El laberinto*, sempre contextualizando o leitor com o momento vivido por Paz. Esse estudo também parte da hipótese, como o faz Santí, de que a identidade, como está elaborada em *El laberinto*, começou a ser pensada por Paz já em seus primeiros anos de escrita, entre as décadas de 1930 e 1940, sendo então importante recorrer a esse material.

O historiador mexicano Jorge Aguilar Mora escreveu *La divina pareja. Historia y mito en Octavio Paz* (1978), que tem como proposta central analisar criticamente o que considera o “par divino” da obra ensaística de Paz, a História e o mito. Nessa empreitada acaba abarcando temas imprescindíveis para o entendimento da obra pazeana, como a identidade e a modernidade, compreendendo assim, como não poderia deixar de ser, sua interpretação sobre o tempo e a constituição deste, o que interfere decisivamente em seu entendimento da História.

Além de muitos estudos sobre as produções de Paz, outra dificuldade que o pesquisador de sua obra encontra é sua diversidade e extensão. E mais ainda: a maneira de Paz construí-la, se autorreferindo tanto literária quanto biograficamente, o que resulta em textos que explicitam o fato de o assunto abordado estar em íntima relação com o autor, fazendo parte de sua formação como homem ao mesmo tempo que este, vivendo no mundo, interpela e afeta o campo do assunto que aborda. O autor cria e é criado no mesmo ato. Isso acaba por influenciar muito no fato de Octavio Paz ser um escritor amplamente documentado, principalmente por ele mesmo.

Esse trato com a própria obra acaba por influir diretamente na escrita de Paz, devolvendo para esta o resultado de sua própria criação. Esse fazer – que Paz chamou de “crítica criativa”, segundo Maciel (1995) – pode ser entendido como a prática de um discurso no qual já se desenvolve a crítica desse discurso, o que justifica o fazer do crítico da linguagem não de uma forma marginal, mas como um ato incorporado ao próprio fazer do escritor. Dessa forma, as vertentes de sua criação (crítica, poesia e ensaio) têm como característica principal a constante indagação, tanto do ato criativo como do mundo em que está inserido: criação e reflexão sobre a criação, postas como vasos comunicantes.

Depois de lermos Octavio Paz, tanto o poeta quanto o ensaísta, não o confundimos mais. Sua escrita é marcante, potente. Muitas vezes essa força foi descrita como *sedução*².

Para estudarmos Paz, vamos nos valer então de maneiras de compreensão menos enrijecidas, o que acreditamos que contribui com o desenvolvimento do trabalho, já que é evidente a mobilidade do intelectual no campo social, cultural e político, atuando de maneiras distintas, buscando agir segundo suas possibilidades em dado momento. Para tanto, utilizaremos a História Intelectual que, sendo um domínio novo, apresenta-se como campo de estudo aberto, pluridisciplinar, situado no intercruzamento das histórias política, social e cultural. Dentre as perspectivas abertas nesse sentido, a proposta por Sirinelli, no capítulo “Intelectuais” do livro *Por uma história política*, organizado por René Rémond, nos será útil (RÉMOND, 2003).

Quando já havia passado o auge dos questionamentos sobre “lo mexicano”, ocorrido na década de 1930, Paz surge com *El laberinto de la soledad*, no qual desenvolve sua necessidade de esclarecer a sociedade mexicana com base em seus impulsos e mitos. Pelo enfoque literário e abrangente – recorrendo a muitas formas do saber, como a psicanálise e a antropologia cultural –, os ensaios de *El laberinto de la soledad* têm como característica principal a elaboração de hipóteses sociais formuladas por uma mescla entre História e Mitologia, fazendo uso da linguagem poética. Um livro que, para o fim da década de 1940, tratava de tema, como o próprio autor afirmou, “un poco de moda” (PAZ *apud*, STANTON, 1998, p.97).

Apesar de os nove ensaios terem sido escritos de uma só vez, no período de um ano, é possível lê-los separadamente, característica que possibilitou aos dois primeiros que fossem publicados na revista *Cuadernos Americanos*, enquanto esperavam a edição em livro, pela editora dessa revista, mediada por Alfonso Reyes. Assim, à medida que seguimos essas edições em diferentes formatos, acompanhamos também a correspondência entre Paz e Reyes.

El laberinto de la soledad passou por várias mudanças até chegar a sua forma definitiva: a de sua segunda edição, em 1959. Durante esse percurso, houve uma multiplicidade de mediações que a produção do livro necessitou. Além do trabalho intelectual,

² Seria extenuante e desnecessário listar os autores que se referem ao poder de sedução da escrita de Paz. Como exemplo, citaremos apenas o artigo do professor Antonio Paulo Rezende “Octavio Paz: as trilhas do Labirinto”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 20, n. 39, p.223-248. 2000. Para Maria Esther Maciel, junto à sedução, Paz é reconhecido pela lucidez de seu pensamento: MACIEL, Maria Esther. *As vertigens da lucidez. Poesia e crítica em Octavio Paz*. São Paulo: Experimento, 1995.

da escrita, percebemos a importância dos vínculos que a rede de contatos a que Paz pertencia, a que foi criando para si, teve na concretização do pensamento em um texto impresso.

Uma das fontes em que essas articulações podem ser entrevistas são as correspondências. Por meio delas, ficam evidentes as relações de amizade/inimizade, de trabalho, de troca com outros produtores de cultura e a necessidade de numerosas intervenções na construção da obra, cuja resultante é a difusão de um texto, sua disponibilidade, seu acesso aos leitores (CHARTIER, 2001, p.IX-X).

Nesse sentido, a edição das cartas trocadas entre Octavio Paz e Alfonso Reyes foi de grande importância. Nessa compilação, editada e comentada por Anthony Stanton, encontramos a primeira menção de Paz a *El laberinto de la soledad*, em uma carta a Reyes, enviada de Paris, em 26 de julho de 1949:

Hace más de un mes envié a Silva Herzog un ensayo para *Cuadernos*. No he recibido contestación. ¿Sabes usted algo? Ese texto es el primero de una serie sobre el ya no vestido de plumas sino andrajoso mexicano. Un título común ampara esos ensayos, que quisiera publicar en forma de libro: *El laberinto de la soledad*. Ojalá que *Cuadernos* quisiera publicarlo, en tres o cuatro inserciones. O alguna otra editorial. El tema está un poco de moda (PAZ, *apud*: STANTON, 1998, p.99).

Esse trecho sobre *El laberinto* está inserido no meio da missiva, que é iniciada com os agradecimentos de Paz a Reyes pelas notícias sobre a publicação de outro livro importante de Paz nesse mesmo período, *Liberdad bajo palabra*. Junto a *El laberinto de la soledad*, seu primeiro livro de ensaios, *Liberdad bajo palabra* é considerado por estudiosos de sua obra, e pelo próprio Paz, seu primeiro livro de poesia (SANTÍ, 1997, p.79-122).

O ensaio que Paz havia mandado a Silva Herzog era “El pachuco y otros extremos”.³ O tema realmente estava “un poco de moda”. Segundo Stanton (1998), o tema da identidade nacional havia ganhado outra conformação depois do ano de 1947, o que se tornou evidente em um artigo de Daniel Cosío Villegas, cuja explanação girava em torno do esgotamento dos programas e das metas instituídas a partir da Revolução Mexicana. Não teria sido por acaso que Paz ofereceu o ensaio à mesma revista que, desde o artigo de Cosío Villegas, havia se

³ PAZ, Octavio. “El pachuco y otros extremos”. *Cuadernos Americanos*, vol. 47, n. 5, septiembre-octubre de 1949, p.17-30. O segundo ensaio de *El laberinto* também foi publicado em *Cuadernos*: “Máscaras mexicanas”. *Cuadernos Americanos*, vol. 49, n. I, enero-febrero de 1950, p.79-92. Tivemos acesso aos referidos ensaios publicados em *Cuadernos Americanos* em uma versão digitalizada, disponibilizada por Claudia Perches Galván, responsável por consultas especializadas do Instituto de Investigaciones Filológicas da UNAM.

transformado em importante polo de discussão em torno da questão do nacional/nacionalismo (STANTON, 1998, p.96).

Outro ponto importante da carta é quando Paz diz ter muito presente, no momento em que escreve *El laberinto*, um ensaio de Reyes, “Notas sobre a inteligência americana”, escrito em Buenos Aires, no ano de 1932, por ocasião do VII Conversación del Instituto Internacional de Cooperación Intelectual: “Me he acordado mucho de su ensayo sobre la inteligencia americana, escrito, si no me equivoco, en aquella reunión del Pen Club en Buenos Aires” (PAZ, *apud*: STANTON, 1998, p.97).

Segundo Stanton (1998), esse ensaio de Reyes permeou o de Paz de várias maneiras. Uma delas está evidente no título dado ao capítulo sete de *El laberinto*, “La ‘inteligencia’ mexicana”, uma espécie de homenagem a Reyes. Outra estaria em uma das frases mais famosas e repetidas de *El laberinto*: “Somos por primera vez en nuestra historia, contemporáneos de todos los hombres”, que seria um eco de uma das frases finais do referido ensaio de Reyes: “Reconocemos el derecho a la ciudadanía universal que ya hemos conquistado. Hemos alcanzado la mayoría de edad. Muy pronto os habituaréis a contar con nosotros”⁴ (PAZ, *apud* STANTON, 1998, p.100).

Reyes, em sua resposta de 2 de agosto de 1949, discorre sobre sua reunião em *Cuadernos* sobre o estado de saúde de Silva Herzog e pede que Paz tenha paciência e espere o tempo próprio que a revista tem para se organizar:

Ayer tarde tuvimos junta de *Cuadernos* y hablé de su ensayo y sus ensayos. Larrea me ofreció escribirle inmediatamente sobre el asunto. Acuérdate de que Silva Herzog ha estado muy enfermo, ha sufrido nuevas operaciones en los ojos, prácticamente ha perdido lo que llamaría un gongorino “la mitad de la vista”, y eso explica la tardanza de noticias. Por lo demás no le pida usted a una revista de periodicidad lenta un ritmo acelerado en sus publicaciones (REYES, *apud* STANTON, 1998, p.100).

Aqui, “su ensayo y sus ensayos” está se referindo tanto à vontade de Paz em publicar os ensaios separadamente na revista, quanto de reuni-los e publicá-los em livro, intenção expressa de forma clara e direta no parágrafo suprimido da carta de 8 de julho de 1949 a Reyes: “aunque ya es mucho pedir, ¿cree usted que alguien se interesaría en publicar un librito de 120 páginas, a doble renglón, sobre este tema? Su título: *El Laberinto de la soledad*.”, que, na carta de 26 de julho de 1949, é suavizada, dando a entender, de maneira

⁴ A famosa frase terminava o livro na primeira edição, de 1950. Na segunda edição, encerra o capítulo VIII “Nuestros días”.

sutil e indireta: “Un título común ampara esos ensayos, que quisiera publicar en forma de libro: *El laberinto de la soledad*. Ojalá que *Cuadernos* quisiera publicarlo, en tres o cuatro inserciones”.

Seu anseio se realizou. *Cuadernos* publicou “El pachuco y otros extremos” em setembro/outubro de 1949, “Las máscaras mexicanas”, em janeiro/fevereiro de 1950, e a primeira edição de seu “librito”, em 15 de fevereiro do mesmo ano:

No sé si le dije que Silva Herzog me ha pedido el libro que he escrito sobre México. Me da gran alegría que *Cuadernos* lo publique – aunque no deja de parecerme revelador que todas las dificultades con que tropecé para publicar un libro de poesía se allanen cuando se trata de uno de ensayos (PAZ, *apud*: STANTON, 1998, p. 113-115).

Em uma pequena carta datada de maio de 1950, Reyes comemora a publicação de *El laberinto*. Mais do que uma comemoração, a carta de Reyes é o reconhecimento da maturidade intelectual de Paz, conferida por um dos grandes intelectuais mexicanos de então, respeitado por Paz. Reyes, já em idade avançada, com seu espaço consolidado há muito tempo na cena cultural, acolhe Paz de braços abertos nesse meio que agora, com seu livro de ensaios, conseguira atingir:

¡Qué libro tan claro y noble, querido Octavio Paz, su *Laberinto de la soledad*! ¡Qué probidad, qué justicia y qué elegancia! (¿No serán lo mismo en el fondo?). Me resisto a empañar la expresión de mi enhorabuena con agradecimientos de orden personal. Pero ¿cómo evitarlo, si lo quiero de veras y ninguna palabra suya me deja indiferente? Ya va Ud. por su camino derecho. Desde mi cansacio y mi alegre vejez, le abro los brazos, efusivamente. Su Alfonso Reyes (REYES, *apud* STANTON, 1998, p.123).

El laberinto de la soledad, em sua edição de 1950, possuía oito ensaios. Dessa primeira publicação para a segunda, em 1959, foram feitas três revisões gerais na estrutura da obra, que consistiam em: ampliação do oitavo ensaio, “Nuestros días”, para que incorporasse novos acontecimentos no México ocorridos nos nove anos que separavam as duas edições; a parte dedicada à cultura mexicana, que já existia na primeira edição, foi separada, sendo colocada dentro do ensaio dedicado à cultura contemporânea, ganhando o título de “La ‘inteligencia’ mexicana”; o ensaio “La dialéctica de la soledad” foi separado do corpo geral do livro, ganhando a função de apêndice.

Segundo Santí (1997), todas essas mudanças na estrutura da obra revelam a busca do autor por uma divisão simétrica, composta por duas seções de quatro capítulos cada uma,

seguidas pelo apêndice, que estaria cumprindo a função formal de uma conclusão; na verdade, o uso de um apêndice servia justamente para evitar dar à obra um caráter fechado, concluído.⁵

Quando vislumbramos a estrutura geral do livro, percebemos uma organização que conduz do particular (o mexicano e o México) ao geral (o mexicano e o México no mundo). Notamos que essa é uma estratégia do livro presente em todos os ensaios: caminhar do particular para o geral, dando-se assim o que Paz chamou de “ritmo” para a história.

No entanto, ressaltamos que esse movimento não está dado de forma evidente. Esse ritmo surge do manejo da linguagem que o ensaio proporciona por meio de sua descontinuidade, de sua experimentação, de certa flexibilidade na composição, que Paz já usa com propriedade, apesar de ser seu primeiro grande exercício ensaístico.

Como afirmou Paz, *El laberinto de la soledad* surge como tentativa de resposta pessoal à situação cultural de seu tempo. Em sua carta a Reyes, de 24 de novembro de 1949, expõe sua impaciência com o caminho que estava tomando uma vertente do pensamento no México, a qual se pretendia uma nova filosofia, criando o que se chamou de “filosofia del mexicano”:

[...] e confieso que el tema de México – así, impuesto, por decreto de cualquier imbécil convertido en oráculo de la “circunstancia” y el “compromiso” – empieza a cargarme. Y si yo mismo incurri en un libro fue para liberarme de esa enfermedad – que sería grotesca si no fuera peligrosa y escondiera un deseo de nivelarlo todo. Un país borracho de sí mismo (en una guerra o en una revolución) puede ser un país sano, plétórico de su substancia o en busca de ella. Pero esa obsesión en la paz revela un nacionalismo torcido, que desemboca en agreción si se es fuerte y en narcisismo y masoquismo si se es miserable, como ocurre con nosotros. Y una inteligencia enamorada de sus particularismos – a quienes no trata como obstáculos o como ídolos – empieza a no ser inteligente. O para decirlo más claramente: temo que para algunos ser mexicano consiste en algo tan exclusivo que nos niega la posibilidad de ser hombres, a secas. Y recuerdo que ser francés, español o chino sólo son maneras históricas de ser algo que rebasa lo francés, lo español o lo chino (PAZ, *apud* STANTON, 1998, p.117-119).

Segundo Stanton (1998), além do incômodo que lhe causava a maneira como o nacionalismo de “um país borracho de si mesmo” impunha à questão das particularidades do mexicano, percebemos no parágrafo acima um ataque direto tanto a Ortega y Gasset, que, em seu prólogo à *Meditaciones del Quijote*, escreveu a frase “Yo soy yo y mi circunstancia y si no la salvo a ella no me salvo yo”, quanto aos seguidores de Sartre, cujo conceito de

⁵ Para a descrição estrutural da obra utilizaremos o trabalho de Enrico Mario Santí, sem dúvida o mais completo realizado até então. No entanto, estamos atentos ao fato de que todo o trabalho de Santí foi pautado pela interpretação que o próprio Paz fez de sua obra. As divisões do livro conforme os temas de que trata foram dadas, em parte, por Paz em uma “contrarespuesta” a Emmanuel Carballo, publicada no volume 14 de suas *Obras completas*. Cf. SANTÍ, 1997, 167-220; e Cf. PAZ, 2001, p.290-296.

engagement foi traduzido para o espanhol como “compromiso”. Para Paz, a filosofia do mexicano tal como estava sendo pensada em fins da década de 1940 e começo de 1950 pelo Grupo Hyperion – que em grande medida estava à frente da difusão dessa filosofia, impulsionado por Leopoldo Zea e José Gaos, discípulo direto de Ortega y Gasset – parecia-lhe entrar “en un callejón sin salida”. O chamado Grupo Filosófico Hyperion entendeu, em certo momento, que no existencialismo francês de Sartre e de Merleau-Ponty estava o instrumento adequado para desenvolver o programa de uma filosofia do mexicano que, para Paz, estava se formando como “una inteligencia enamorada de sus particularismos”, transformando o mexicano em algo tão exclusivo que impossibilitava o “ser hombres, a secas”.

Em “El pachuco y otros extremos”, Paz coloca em questão a necessidade das interrogações acerca da singularidade do ser mexicano, que, segundo ele, seria mais frutífera se, em vez de tentar uma busca supérflua e perigosa de um “carácter nacional”, a resposta para esse necessário momento de reflexão fosse buscada na ação criativa:

En lugar de interrogarnos a nosotros mismos, ¿no sería mejor crear, obrar sobre una realidad que no se entrega al que la contempla, sino al que es capaz de sumergirse en ella? Lo que nos puede distinguir del resto de los pueblos no es la siempre dudosa originalidad de nuestro carácter – fruto, quizá, de las circunstancias siempre cambiantes –, sino la de nuestras creaciones. Pensaba que una obra de arte o una acción concreta definen más al mexicano – no solamente en tanto que lo expresan, sino en cuando, al expresarlo, lo recrean – que a más penetrante de las descripciones (PAZ, 1959, p.10).

No entanto devemos pensar em até que ponto *El laberinto de la soledad* não é também tributário das mesmas fontes que impulsionaram o Grupo Filosófico Hyperión. A primeira e mais direta que podemos perceber é a referente a Samuel Ramos em seu *El perfil del hombre y la cultura en México*, de 1934. Para escrever seu livro, tido como ponto de partida de Paz, Ramos se inspirou em Ortega y Gasset, principalmente em *El tema de nuestro tiempo* (BRADING, 2002, p.15-17).

Em *El perfil del hombre y la cultura en México*, Ramos descreve os mexicanos como sendo governados por um sentimento de inferioridade que os leva a criar tanto uma personalidade fictícia quanto a buscar o poder. Essas características entendidas assim, por meio da psicologia de Alfred Adler, quando estendidas ao povo, foram traduzidas pela figura do “pelado”, cuja insegurança se expressava na agressão sexual. Nas classes abastadas, a desconfiança generalizada e o desejo de poder conduziam a um individualismo extremo e a um mal-estar interior. Depois da independência, esses sentimentos provocaram um

mimetismo das instituições europeias, mas sempre de forma superficial, criando contradições entre as leis e a realidade.

Podemos entender *El laberinto* como uma refutação e um prolongamento do livro de Ramos. Em “El pachuco y otros extremos”, Paz concorda com Ramos:

Creía, como Samuel Ramos, que el sentimiento de inferioridad influye en nuestra predilección por el análisis y que la escasez de nuestras creaciones se explica no tanto por un crecimiento de las facultades críticas a expensa de las creadoras, como por una instintiva desconfianza acerca de nuestras capacidades (PAZ, 1959, p.10).

Na página seguinte à citação anterior, temos: “Todos pueden llegar a sentirse mexicanos. Basta, por ejemplo, con que cualquiera cruce la frontera para que, oscuramente, se haga las mismas preguntas que se hizo Samuel Ramos en *El perfil del hombre y la cultura en México*” (PAZ, 1959, p.11-12).

Paz trata do livro de Ramos mais detidamente no sétimo ensaio, “La ‘inteligencia’ mexicana”, dedicado à análise da intelectualidade do México depois da Revolução mexicana. Para Paz, *El perfil del hombre y la cultura en México* foi de grande importância, pois não só a maior parte de suas observações eram válidas, como a ideia central que as inspirava continuava sendo verdadeira: o mexicano é um ser que, quando se expressa, oculta-se; suas palavras e seus gestos são quase sempre máscaras. Paz esclarece quais são suas ressalvas quanto ao livro de Ramos: o mexicano que este descreve é um ser isolado, e os instrumentos que usa para entender a realidade do momento, a teoria do ressentimento, como havia sido pensada por Alfred Adler e Max Scheler, acabam por reduzir as significações de suas conclusões. No entanto, é óbvio que considera *El perfil del hombre y la cultura en México* como o principal ponto de partida para se pensar as questões que ele próprio se propõe acerca do mexicano, utilizando um método distinto. Faz referência a Ramos como o pensador que deu “una descripción muy penetrante de ese conjunto de actitudes que hacen de cada uno de nosotros un ser cerrado e inaccesible” (PAZ, 1959, p.143).

Ainda pensando na questão da “mexicanidad”, dessa filosofia do mexicano de que trata Ramos e Paz, de formas distintas, devemos ressaltar outro fator importante: o surgimento das culturas de massas e a necessidade de criação, no México, de uma nova forma de nacionalismo. Segundo Monsiváis (2005), é importante observar que existia, nas décadas de 1930 e 1940, no México, um movimento amplo, social, que impunha determinadas visões e massificações que se expressavam na cultura urbana, ou seja, uma cultura da capital, e que

essa cultura passou a definir um modelo de “mexicanidad”. Essa cultura urbana se preparava para a industrialização do nacionalismo e, em certa medida, formava-se da “alianza de ideologías tradicionales y tecnologías modernas”, que contribuía para a formação de uma sensibilidade popular distinta. Surgem como meios “modernizantes”, ainda seguindo Monsiváis (2005), como instrumentos formadores dessa nova sensibilidade: o rádio, o cinema, a televisão, os “comics”, assim como ratificações dos meios já existentes de afetação ao pertencimento nacional, “esto es, las técnicas probadas de control” (MONSIVÁIS, 2005, p. 36), agora reformuladas para seu uso e vinculação por meio dos novos meios de comunicação.

O que em fins de século XIX e começo do XX se definia para a elite como a “condição mexicana”, com claro tom de uma condenação (estavam longe da Europa, rodeados pela “gleba”), para as massas era oferecida a “mexicanidad”, simultaneamente um espelho e um destino. O nacional estava a cargo não mais somente de ações políticas, mas de canções, rádio, cinema, teatro de revista. O público aprovava a imagem que esses meios faziam dele e, por conseguinte, surgiram atitudes miméticas.

Pensando no movimento de circulação de ideias no seio da sociedade, entendemos que essa cultura urbana de massas, surgida nas décadas de 1930 e 1940, estava sendo formada também pelo que se produzia em um âmbito que podemos chamar de “acadêmico”, o qual, por sua vez, formava-se pelas produções dessa cultura urbana. Enquanto Ramos pensava o “ser” mexicano em seu livro de ensaios, existia a fabricação, pela rádio, pela televisão, pelo cinema, de versões sentimentais do nacionalismo:

Paso fundador de la cultura urbana: la entrega a domicilio de una psicología de masas. Lo mexicano es... y “verdades colectivas”, canciones, reflexiones editoriales, teatro y muy pronto radio y cine se apresuran a responder: es lo irresponsable, lo suicida, lo holgazán, lo sentimental, lo filial ritualizado. (La feminilidad hecha nación, en su ocasional turno, es la suma de virtudes que nunca deben salir a la calle). Tal invención de una caracterología colectiva prepara las vías de entretenimiento. Hay que divertirse como mexicanos. Auxiliadora, la alta cultura promulga tesis que se prestan admirablemente a su escenificación. El filósofo Samuel Ramos dice: “el mexicano tiene complejo de inferioridad” y los cineastas la agregan al dictum personajes humildes y minusvaluados. Los psicólogos argumentan “el nacional es macho por naturaleza” y la afirmación es sazónada acto seguido por la mitología cinematográfica (MONSIVÁIS, 2005, p.33-34).⁶

A importância de destacarmos as discussões sobre a cultura popular, tão bem desenvolvida por Monsiváis, está em que essas imagens, esses tipos populares aparecem

⁶ Além do que encontramos em Monsiváis (2005), há citação da obra de Ramos em adaptação para o cinema mexicano, principalmente a figura do *pelado*, por Alejandro Galindo, em 1945, no filme *El capéon sin corona* (informação verbal fornecida pelo professor mexicano Álvaro Vazquez Mantecón, em aula proferida para o curso de pós-graduação em História na Unesp de Assis-SP, no segundo semestre de 2008).

incorporados por Paz em seu *El laberinto de la soledad*. O parágrafo do terceiro ensaio “Todos Santos, Día de Muertos”, no qual Paz descreve a “Festa”, é celebre pela maneira vívida dos gestos e atitudes do povo mexicano:

En esas ceremonias – nacionales, locales, gremiales o familiares – el mexicano se abre al exterior. Todas ellas le dan ocasión de revelarse y dialogar con la divinidad, la patria, los amigos o los parientes. Durante esos días el silencioso mexicano silba, grita, canta, arroja petardos, descarga su pistola en el aire. Descarga su alma. Y su grito, como los cohetes que tanto nos gustan, sube hasta el cielo, estalla en una explosión verde, roja, azul y blanca y cae vertiginoso dejando una cauda de chispas doradas. Esa noche los amigos, que durante meses no pronunciaron más palabras que las prescritas por la indispensable cortesía, se emborrachan juntos, se hacen confidencias, lloran las mismas penas, se descubren hermanos y a veces, para probarse, se matan entre sí. [...] Nadie habla em voz baja. Se arrojan los sombreros al aire. Las malas palabras y los chistes caen como cascadas de pesos fuertes. Brotan las guitarras. En ocasiones, es cierto, la alegría acaba mal: hay riñas, injurias, balazos, cuchilladas. También eso forma parte de la fiesta (PAZ, 1959, p.43-44).

Existe, nos ensaios de *El laberinto*, a incorporacão do universo popular, dessas sensibilidades que permeavam o cotidiano e que surgem habilmente recriadas na prosa poética de Paz. Assim, por meio de sua interpretação do *pachuco*, do machismo, do feminino, da Conquista, da Revolução, Paz consegue traduzir a realidade impessoal, geral, em uma realidade própria, sentida particularmente, uma proximidade que lhe confere inteligibilidade.

Em *El laberinto*, as imagens propostas por Paz por meio da linguagem ensaística, como já foi afirmado neste trabalho, confluem para a criação de um arquétipo, em que o ideal não é a realidade de onde parte sua reflexão, mas a interpretação que apresenta no final dela: sua recriação. Assim, ao terminar de ler um ensaio de Paz, a visão que temos do mexicano é necessariamente impregnada da interpretação que o poeta propõe (EUFRAÇIO, 1998, p. 60-66)⁷. No entanto, essa interpretação de Paz de forma alguma se pretende fantástica, ou meramente poética ou narrativa. Busca ser uma realidade “literalizada”, que não toque somente em questões literárias do poema, do conto, do romance, mas que consiga despregar-se em uma realidade que, sem deixar de ser literária, seja também histórica:

Los ensayos de Paz pretenden la creación de arquetipos que no solo posean una funcionalidad inmediata, sino que buscan constituir-se en los ideales que motiven a los hombres a desarrollarse de acuerdo con esas interpretaciones (EUFRAÇIO, 1998, p.61).

Essa literalização que Paz impõe em suas interpretações por meio de sua escrita, em que à prosa cabe propor o assunto e ao poético convencer de seu ponto vista, criando um todo

⁷ Para Aguilar Mora, essa característica da escrita de Paz cria o que denominou de territórios híbridos, locais dentro da escrita demasiado vagos, nebulosos, inapreensíveis. In: AGUILAR MORA, 1978, p.15.

de imagens que pode ser considerado um arquétipo, em grande medida, seria o que influi na permanência dos lugares comuns de que falam autores como Monsiváis e Aguilar Mora.

Segundo Monsiváis (1993):

La corriente inaugurada por Ramos quiere ser análisis filosófico y/o psicológico. Hay que localizar, detallar aquello que cohesiona una actitud diferente: el ser del mexicano. En 1949, *El laberino de la soledad* proporciona un enfoque literario y crítico de México, historia e mitología. Lo que se pierde en generalizaciones se recobra en calidad prosística. Ya transcurrido el auge de la corriente de “lo mexicano” (que al cobrar su mayor fuerza, influye en la ideología de los medios masivos), *El laberinto de la soledad* permanece. El libro fija un criterio cultural en su instante de mayor brillantez, y su lenguaje fluido y clásico transmite la decisión de aclararse una sociedad a partir del examen (controvertible) de sus impulsos y mitos primordiales. Por otra parte, muchas de sus muy controvertibles hipótesis se han convertido en lugares comunes populares (MONSIVÁIS, 1993, p.1471-1472).

Para Aguilar Mora (1978), esses lugares-comuns, que o livro de Paz fixou também por meio de sua escrita, têm características naturalmente pedagógicas:

Es decir, su influencia permanente reside en el hecho de que há plasmado en su estilo retóricamente hermoso y convincente una série de lugares comunes que son naturalmente pedagógicos. Nada más fácil que recurrir al libro de Paz para “explicar” la opción entre México y Estados Unidos, entre el mexicano y el norteamericano (y más entre el sajón y el latino, etcétera) (AGUILAR MORA, 1978, p.25).

No entanto, se *El laberinto*, segundo Aguilar Mora (1978), em certa medida, converteu-se nessa “sequência de imagens pedagógicas”, com certeza se mantém, como já foi declarado, em seu valor histórico, por ser uma resposta à situação cultural de seu tempo. Assim, foi na poesia e na filosofia contemporâneas a ele, importantes para o pensamento de seu tempo, que Paz buscou as imagens para a criação de sua linguagem ensaística.

Logo no título escolhido por Paz já encontramos duas imagens marcantes que percorrem todo o livro: o labirinto e a solidão. A pista que nos conduz à busca dessas imagens na poesia espanhola de Antonio Machado está na escolha da epígrafe.⁸ Nela, o poeta sevillhano afirma que o “outro” é “el hueso duro de roer en que la razón se deja los dientes”. Em *Los hijos del limo* (PAZ, 1974), Paz propõe, como predominância da poesia do século XX, o desaparecimento do sujeito poético, que deixa de ser caracterizado pela voz do eu para se encontrar na voz do outro.

⁸ Lo otro no existe: tal es la fe racional, la incurable creencia de la razón humana. Identidad = realidad, como si, a fin de cuentas, todo hubiera de ser, absoluta y necesariamente, *uno y lo mismo*. Pero lo otro no se deja eliminar; subsiste, persiste; es el hueso duro de roer en que la razón se deja los dientes. Abel Martín, con fe poética, no menos humana que la fe racional, creía *en lo otro*, en “La esencial Heterogeneidad del ser”, como si dijéramos en la incurable *otredad* que padece *lo uno*.

Esse processo de despersonalização teria começado já com os poetas românticos, afirmando-se com os simbolistas. Segundo Brading (2002), Paz escreveu os ensaios de *Los hijos del limo* como uma forma de exploração de suas próprias origens poéticas, numa tentativa de autodefinição. Sendo assim, identifica-se como seguidor da tradição moderna da poesia, um movimento cheio de curvas, de reapropriações, que teria se iniciado com os românticos alemães e ingleses, os quais renovaram as leituras de Baudelaire e dos simbolistas franceses, prolongando-se por essa via no modernismo hispânico, que, por sua vez, foi revalorizado pelo modernismo inglês, encontrando sua mais vital reformulação no surrealismo francês. O que unia todos esses movimentos e suas gerações, segundo Paz, era o repúdio à modernidade, entendida como a separação contundente entre a “revelação” e a “razão”.

No caso hispânico, a referida despersonalização do sujeito poético tem sua expressão lírica mais reconhecida em Miguel de Unamuno e Cesar Vallejo. O diálogo do eu com o outro foi intermediado pela dialética, por polaridades, máscaras, espelhos, labirintos e imagens que povoaram as expressões artísticas do século XX. Por meio dessas imagens, o encontro, a fusão com o outro é vislumbrada, mas nunca alcançada. Encontramos posturas que vão a direções opostas: ou se anula a oposição entre o eu e o outro, em uma aceitação irremediável da subjetividade do eu que jamais alcançará a transcendência necessária para o encontro com o outro, definindo assim homogeneamente o eu, ou, como acontece no caso de Machado, encontra o outro no próprio eu, definindo aqui o eu como heterogeneidade.

A obra de Machado pode assim ser tomada como um movimento do um para o outro. O que chamou de “heterogeneidade do ser”⁹ pode ser entendido como a tensão entre o eu e o outro, como efeito de uma reação de reciprocidade, em que o outro deixa de ser algo estranho para se converter em algo próprio, fomentando uma situação de movimento e criação.

O labirinto e a solidão são temas recorrentes em Machado (GUTIERREZ-GIRARDOT, 1969, p.58-62). Um exemplo está no poema “Recuerdos de sueño, fiebre y duermivela”, de 1931, em que o poeta vai dando nomes aos caminhos labirínticos, traçando suas desembocaduras em praças e vielas. Como a figura do caminho, os labirintos em

⁹A ideia de Machado sobre a “heterogeneidad del ser” foi formulada na obra de seu heterônimo Juan de Mairena. Menciona filósofos como Leibniz, Kant, Descartes, Schopenhauer e Bergson, e afirma que todo pensar é infinito, não tem limites nem divisões, nem uma dimensão diferente da que impõe o único pensamento de Mairena, que, pensando o pensamento como infinito, encontra a carência de sentido na afirmação de que o todo é maior que a parte: a heterogeneidade do ser. In: GUTIERREZ – GIRARDOT, 1969.

Machado representam o infinito e o impossível, a progressão mesma do poetizar, a contemplação da alma do mundo, do sonho. Nesse mundo, o labirinto surge num processo em que ele é formado à medida que se anda por ele. Mas nesse mundo interiorizado, onde tudo é labirinto, a imagem não se mostra sempre de maneira expressa: no fundo brumoso e indefinido dos labirintos, ressoam outras imagens que são labirintos indiretos. Os labirintos também têm a característica de serem povoados de recordações e de sonhos: brinquedos de velhos. A fantasia produz um ambiente peculiar de realidade irreal: labirintos da memória – memória como tudo que pertence ao mundo dos sonhos, sublinhando a solidão. A solidão se mantém como tema central da poesia de Machado (GUTIERREZ-GIRARDOT, 1969, p.59).

Em Paz, o tema da solidão foi se desenvolvendo acompanhado de seu paradoxo: a comunhão.¹⁰ Ao longo de seu trabalho, Paz fez a articulação da linguagem ensaística com a imagem poética, no trato com elementos que aparecem com muita força em *El laberinto*, como é o caso do binômio solidão/comunhão. Em sua produção, entre os anos de 1938 e 1942, principalmente, encontramos esse tema em seu diário poético, *Vigílias: diário de un soñador* (escrito entre 1938-1945), e em *Raiz del hombre* (1937), no qual o amor surge como a forma possível da comunhão, e assim como solução existencial para a solidão:

Tu rostro te ilumina, me descubre.
Mi sangre te recorre
y crezco en outra forma.
Amante: renacemos (PAZ, 2001, p.63).

Em *Entre la piedra y la flor*, escrito em 1937 na península de Yucatán, longo poema dividido em cinco partes e que tanto impressionou Pablo Neruda por sua força, por seu vigor, a solidão, que até então era tratada por Paz como um sentimento pessoal, passa a ser atribuída ao mexicano, surgindo então como solidão histórica:

Entre mis huesos delirantes, arde;

¹⁰ Podemos entender o termo *comunhão* como proveniente do romantismo alemão. Em sua primeira juventude, Paz foi leitor de Novalis (poeta romântico alemão; viveu entre 1772-1801, citado literalmente por Paz em *El laberinto*, p.10, 2ª edição) e de Hölderlin (poeta lírico e romancista alemão; viveu entre 1773-1843, também citado literalmente por Paz em *El laberinto*, p.24, 2ª edição). Segundo Brading (2002), se Paz apontou corretamente que o romantismo não era simplesmente um assunto de valores estéticos, mas que incorporava uma forma de ser que buscava fundir vida, poesia e história, não viu que esse modo de agir na Alemanha levou a uma ênfase sobre a cultura, o caráter e o folclore nacional, a uma ideologia do nacionalismo. Assim, Paz esqueceu que o romantismo foi profundamente historicista no que concerne ao saber humano e à sociedade, e que na Alemanha o nacionalismo nasceu de uma matriz romântica. Se para os poetas ingleses o poder espiritual devia encontrar-se na natureza, para os filósofos alemães, como Heder, Fichte e seus sucessores, cada nação estava animada por uma alma ou espírito coletivo que se expressava ao longo de sua história e de sua literatura, arte, leis, instituições, heróis, santos, e, sobretudo, na linguagem. Os nacionalistas alemães atacaram ferozmente o uso do francês e da hegemonia francesa e abraçaram o campesinato como exemplo da sabedoria popular e do caráter alemão não corrompido pelo cosmopolitismo. Muitos desses românticos idealizaram o catolicismo, a Idade Média e o Sacro Império Romano. In: BRADING, 2002, p.30-32.

arde dentro del aire hueco,
horno invisible y puro;
arde como arde el tiempo,
como camina el tiempo entre la muerte,
con sus mismas pisadas y su aliento;
arde como la soledad que te devora,
arde en ti mismo, ardor sin llama,
soledad sin imagen, sed sin labios.

Para acabar con todo,
oh mundo seco,
para acabar con todo (PAZ, 2001, p.113).

No ensaio “Poesía de soledad y poesía de comunión” (1942), Paz divide as atitudes do homem diante da impossibilidade de apreensão total da realidade. Para melhor exemplificar essa dualidade, escolhe as sociedades arcaicas, nas quais, segundo ele, é possível contemplar com mais clareza as posturas escolhidas. Uma dessas posturas seria a de “adoração”, que se manifesta na religião, e a outra de “poder”, que seria a da magia. A religião, ao “sobrenaturalizar” as relações sociais, estaria encarregada de encarnar a eternidade da sociedade; seria, pois, a comunhão. A magia, entendida como antecessora da ciência, seria o progresso, a moral individual, invenção que acontece na solidão. O poeta lírico estabeleceria seu diálogo com o mundo e com a realidade por meio de duas situações extremas, pelas quais se mobilizaria sua alma – a solidão e comunhão:

Pues bien, el poeta lírico establece un diálogo con el mundo; en este diálogo hay dos situaciones extremas, dentro de las cuales se mueve el alma del poeta: una, de soledad; otra, de comunión. El poeta parte de la soledad, movido por el deseo, hacia la comunión. Siempre intenta comulgar, unirse, “reunirse”, mejor dicho, con su objeto: su propia alma, la amada, Dios, la naturaleza... La poesía mueve al poeta como el viento a las nubes quietas: siempre más allá, hacia lo desconocido. Y la poesía lírica, que principia como un íntimo deslumbramiento, termina en la comunión o en la blasfemia. No importa que el poeta se sirva de la magia, de la magia de las palabras, del hechizo del lenguaje, para solicitar a su objeto: nunca pretende utilizarlo, como el mago, sino poseerlo, como el místico (PAZ, 2001, p. 236).

Seguindo esse caminho, Paz associa o binômio solidão/comunhão a dois poetas espanhóis do século XVI: San Juan de la Cruz, que relataria a experiência mística mais profunda da cultura ocidental, e Francisco de Quevedo em seu *Lágrimas de un penitente*, no qual expressa sua certeza de que o poeta está mortalmente dividido, consciente de sua consciência, prenunciando “el narcisismo intelectual”, precursor do poeta maldito da modernidade.

Estreitamente ligado ao sentimento de solidão, a figura do labirinto é o símbolo de uma busca mítica que mantém estreita relação com outra figura importante em Paz: o herói¹¹. Começando com o *pachuco* e chegando ao homem contemporâneo, já não só o mexicano, mas todos teriam perdido sua filiação, sua herança, seu centro, sendo, assim, deserdados, desligados de suas origens, perambulando nas margens, “contemporâneos”. Essa é outra palavra recorrente nos ensaios de *El laberinto*: “origens”, remetendo ao centro mítico do labirinto, à necessidade de criação de mitologias modernas que ajudassem a desvendar a verdadeira cultura, a redescobrir a originalidade do mexicano, e onde atuaria o herói épico moderno encarnado na figura do poeta.

Como todos os indicativos apontam no decorrer do texto (busca por um centro que guarda a origem), para depois se explicitar em “Dialéctica de la soledad”, o labirinto pazeano segue o modelo clássico:

Varias nociones afines han contribuido para hacer del Laberinto uno de los símbolos míticos más fecundos y significativos: la existencia, en el centro del recinto sagrado, de un talismán o de un objeto cualquiera, capaz de devolver la salud o la libertad al pueblo; la presencia de un héroe o de un santo, quien tras la penitencia y los ritos de expiación, que casi siempre entrañan un período de aislamiento, penetra en el laberinto o palacio encantado; el regreso, ya para fundar la Ciudad, ya para salvarla o redimirla. Si en el mito de Perseo los elementos místicos apenas visibles, en el del Santo Grial el asceptismo y la mística se alían: el pecado, que produce la esterilidad en la tierra y en el cuerpo mismo de los súbditos del Rey Pescador; los ritos de purificación; el combate espiritual; y, finalmente, la gracia, esto es, la comunión (PAZ, 1959, p.184).

A escolha pelo labirinto clássico e o uso do mito aliado à História interferem também no entendimento do tempo na obra. Paz, ao propor resolver o problema da solidão por meio de sua dialética – ou seja, suas duas significações no livro, como ruptura e criação – e ao buscar a identidade no regresso ao centro do labirinto, não mitificou a História, mas, em um diálogo de tempos, vinculou mito e História (AGUILAR MORA, 1978, p.25-30).

Esse diálogo terá como uma de suas consequências, junto à ideia de um eterno presente, a história como um fio condutor. Nesse sentido, encontramos em um texto de Umberto Eco (1989) a seguinte definição do labirinto clássico:

O [labirinto] de Teseu não é um local onde alguém se perca: entra-se por um lado e sai-se por outro. Não há engano possível: se o labirinto clássico se desenrolasse, obter-se-ia um fio único, o fio de Ariana. A lenda do fio de Ariana é curiosa, como se fosse necessário possuir um fio para nos orientarmos no labirinto clássico. Muito pelo contrário, o labirinto clássico é o próprio fio de Ariana. É por essa razão que, no

¹¹ Em *Los hijos del Limo*, Paz faz a aproximação da figura do poeta à figura do mago. Quando discute a poesia romântica inglesa, diz que para os ingleses a Natureza estava animada por um poder vivente e pela presença do Espírito Divino, poder esse que estava presente tanto na imaginação do poeta quanto na do mago. In: BRADING, 2002, p.30-31.

centro, está o Minotauro, para tornar a aventura mais inquietante; e é uma aventura inquietante, já que, uma vez lá dentro, não se sabe exatamente o que se vai passar. Mas, olhando de cima, o que Teseu não podia fazer, ver-se-ia que o labirinto clássico possui um itinerário único. Assim, pode ser metáfora da fatalidade e da necessidade, mas não metáfora de complexidade e da não identidade dos percursos. Seja como for, não é por acaso que o labirinto clássico foi vivido como local onde é possível perder-nos. O pensamento grego não enfeitava o terror de andar perdido nem a eventualidade do número e da confusão dos caminhos a percorrer (ECO, 1989, p. 23-48).

Paz trabalha as divisões temporais (passado – presente – futuro) de forma concomitante. Os acontecimentos desde a Conquista – os passados indígena e espanhol até o momento em que escreve, a primeira metade do século XX – são pensados e trabalhados nos ensaios de forma que não se excluem, não se sobrepõem. Eles surgem integrados entre si no presente. O passado não está excluído do presente, mas oculto nele. Para Aguilar Mora (1978), essa integração dos tempos é uma característica historicista, porque, por meio dessa concepção, aponta-se uma única raiz mítica, de tradição como elemento imutável, como uma “entidade” imóvel que espera uma “reincorporação”: “el historicismo com su ‘presente’ nos revela que está ahí, en el lugar lejano en donde el origen es origen” (AGUILAR MORA, 1978, p.39).

Notamos que Paz, segundo Santí (1997), segue um alinhamento de ideias que, passando pelo ensaio moral de tradição francesa (Montaigne, Valéry) e situando-se na análise de atitudes psicológicas, para, assim, passar para a crítica histórica, apresenta forte presença do pensamento hispânico. Essa presença é sentida em suas referências, principalmente a Ortega y Gasset e Antonio Machado, pertencentes à chamada “geração de 98” que, em fins do século XIX, estavam preocupados com a tradição do ensaio de identidade nacional: “Se trata, ante todo, de una tradición del ensayo moral, o mejor dicho: moralista” (SANTÍ, 1997, p. 123-124).

Encontramos também a releitura e apropriação de ensaios importantes sobre a cultura mexicana, como o de Samuel Ramos, Edmundo O’Gorman e Leopoldo Zea. Suas leituras e opiniões sobre seus conterrâneos estão no sétimo ensaio “La ‘inteligencia’ mexicana”, no qual Paz se dedica à análise dessa intelectualidade e das relações entre Cultura e História (PAZ, 1959, p.135). O interesse nesse ensaio seria, então, o de descrever as atitudes da inteligência mexicana, entendida como um grupo que fez do pensamento crítico sua atividade vital, influenciando na vida política mexicana. Se a maioria dos intelectuais da época, com o término do governo militar da Revolução, passou a colaborar com os governos institucionais,

convertendo-se em conselheiros, perdendo assim seu poder crítico, envolvendo-se com a burocracia (mesmo os que pendiam para o socialismo, não conseguiram fugir do “oficialismo marxista”), Paz encontra em alguns deles – os quais tentaram pensar a “explosão” da Revolução de outra maneira – algo diferenciado.

Paz cita brevemente intelectuais que, por meio de suas obras e de suas ações, contribuíram com o propósito de tentar entender e amparar a “brusca y mortal inmersión en nosotros mismos” que foi a Revolução mexicana: José Vasconcelos, Jesus Silva Herzog, Samuel Ramos, Jorge Cuesta, Daniel Cosío Villegas, José Gaos, Edmundo O’Gorman e Alfonso Reyes. Segundo ele, cada um, a sua maneira, tentou expressar a história do México, que se apresentava como

[...] voluntad que se empeña en crear la Forma que la exprese y que, sin traicionarla, la trascienda [...]. Soledad y Comúnión, Mexicanidad y Universalidad, siguen siendo los extremos que devoran al mexicano. Los términos de este conflicto habitan no sólo nuestra intimidad y coloran con un matiz especial, alternativamente sombrío y brillante, nuestra conducta privada y nuestras relaciones con los demás, sino que yacen en el fondo de todas nuestras tentativas políticas, artísticas y sociales. La vida del mexicano es un continuo desgarrarse entre ambos extremos, cuando no es un inestable y penoso equilibrio (PAZ, 1959, p.148).

No entanto, segundo Paz, o esforço da intelectualidade não conseguiu superar a grande dificuldade: encontrar uma forma autêntica que expressasse a singularidade mexicana. Sua síntese é pessimista: a Revolução foi um redescobrimento do mexicano e um regresso às origens, logo, busca e tentativa de síntese, muitas vezes abortada. Assim, nem a Revolução foi capaz de articular toda sua explosão salvadora em uma visão do mundo, nem a inteligência soube resolver esse conflito entre a insuficiência da tradição e a exigência de universalidade.

O que resta então é viver a crise que não é só da sociedade mexicana, mas de todos os homens, o que nos coloca num labirinto, como órfãos de um passado e com um futuro a ser inventado. Por isso, para Paz, toda tentativa de resolver os conflitos mexicanos devem ter validade universal ou estará condenada de antemão a esterilidade. Todos estão à margem, porque não há centro: “Hoy el centro, el núcleo de la sociedad mundial, se ha disgregado y todos nos hemos convertido en seres periféricos, hasta los europeos y los norteamericanos. Todos estamos al margen porque ya no hay centro” (PAZ, 1959, p.152).

Não devemos esquecer que a escritura e publicação da primeira edição de *El laberinto de la soledad* foi imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial. Esse é um

fato de muita importância na obra, ressaltado pelo próprio autor, e que interfere de maneira decisiva na composição que Paz dá à questão identitária.

Se até momentos antes da Segunda Guerra Mundial a América fazia parte da “periferia” do mundo, buscando sempre sua identidade no paradoxo oposição/reflexo do Primeiro Mundo, depois do estilhaçamento causado pela Segunda Guerra Mundial no seio desse mundo central e organizado, gerando questionamentos fortes referentes ao nacionalismo e à identidade, Paz reconhece a neutralização da força das nações de Terceiro Mundo em criar um perfil estável e definido que as inscrevesse no mundo Ocidental, já que esse mundo Ocidental passou a se fazer os mesmos questionamentos. A orfandade deixa de ser uma questão mexicana e passa a ser uma questão mundial. Assim, para Paz, o que colocava o México, até então país periférico, no centro das preocupações mundiais era justamente o fato de a ideia de centralidade ter se esfacelado, e esse esfacelamento fazia do mexicano, finalmente, um contemporâneo de todos os homens.

Em um continente de inevitável pluralidade, lugar de intercruzamento de histórias e culturas, é constante e importante nos remetermos ao tema conflituoso e difícil das experiências de alteridade e diversidade, um ponto sensível no pensamento americanista. Sua presença, intensificada com as independências de 1810, alimenta ainda hoje as discussões da historiografia e da crítica cultural quanto ao que é latino-americano.

Durante esse longo percurso, foram muitas as maneiras de afirmação identitária, passando por projetos culturais e políticos de diversas procedências. Independentemente dos usos feitos dessas afirmações, não podemos deixar de entendê-las e analisá-las como manejos ideológicos usados como tentativas de “naturalizar” uma identidade escolhida por determinada necessidade. Partindo dos resultados dessa identificação constituída, são formuladas as bases da afirmação ou defesa de interesses específicos (políticos, sociais, culturais), disfarçados como manifestação de algo coletivo. Segundo Júlio Pimentel:

Tomar as construções identitárias pelo que são – com sua, repitamos, forte carga ideológica – é inclusive a única maneira de evitar que sucumbamos ao peso de uma proposta uniformizadora e autoritária no âmbito da cultura (PIMENTEL, 2008, p. 413).

Assim, acreditamos que a importância da releitura de uma obra como *El laberinto* consiste principalmente em buscar a “desnaturalização”, tanto das identidades, pelo acompanhamento das necessidades políticas e culturais que aparecem nas ideias

predominantes no momento de sua criação, quanto das leituras “canonizadas” e tantas vezes repetidas pela crítica e pelo próprio Octávio Paz, que, por meio de sua obra, principalmente de *El laberinto*, “escreveu” a si mesmo.

Referências bibliográficas

AGUILAR MORA, J. *La divina pareja*. Historia y mito em Octavio Paz. México: Ediciones Era, 1978.

BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder*. Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BRADING, D. A. *Octavio Paz y la poética de la historia mexicana*. México: FCE, 2002.

CHARTIER, R. *Cultura escrita, Literatura e História*. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Tradução de Ernani Rosa Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

DEVÉS VALDÉS, E. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX*. Entre la modernidad y la identidad. Del Ariel de Rodó a la CEPAL. Tomo I Buenos Aires: Biblos, 2000.

ECO, U. A linha e o Labirinto: as estruturas do pensamento latino. In: DUBY, G. (Dir.). *A civilização latina*. Dos tempos antigos ao mundo moderno. Tradução de Isabel St. Aubyn. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989, p.23-48.

FRANCO, J. *Historia de la literatura hispanoamericana*. A partir de la independência. Barcelona: Ediciones Ariel, 2002.

FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder. Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: MACHADO, R. (org. e trad.) *Microfísica do poder* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p.69-78.

GUTIERREZ-GIRARDOT, R. *Poesia y Prosa en Antonio Machado*. Madrid: Ediciones Castilla, 1969.

MONSIVÁIS, C. Notas sobre la cultura mexicana en el siglo XX. *Historia general de México*. México: El Colégio de México, v. 2., p.1375-1548, 1993.

_____. Cultura urbana y creación intelectual. El caso mexicano. In: CASANOVA, Pablo González (coord.). *Cultura y creación intelectual en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005, p.25- 41.

PAZ, O. *El laberinto de la soledad*. 2. ed. México/ Buenos Aires: FCE, 1959.

_____. *Miscelánea I*. Primeros escritos. Obras Completas. Edición del autor. V. 13. México: FCE. 2001.

_____. *Itinerário*. México: FCE: 1993.

PINTO, J. P. Octavio Paz e o labirinto da América Latina. *História Revista*, Universidade de Goiás, v. 13, n.2, p.411-424, jul./dez. 2008.

RÉMOND, R. (org.) *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SANTÍ, E. M. *El acto de las palabras – Estudios y diálogos con Octavio Paz*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

_____. (coord.) *Luz espejante. Octavio Paz ante la crítica* México: Universidad Autónoma de México, 2009.

SIRINELLI, J-F. “Intelectuais”. In: RÉMOND, R. (org.) *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.231-262.

STANTON, A. *Correspondencia Alfonso Reyes / Octavio Paz (1939-1959)*. México: Fundación Octavio Paz / FCE, 1998.